

TERRORISTAS ■■■▶ Métodos de recrutamento e doutrinação dos terroristas são desconhecidos ■■■▶ Media tendem a atribuir atentados sempre à al-Qaeda

Um perfil indefinido

Definir o perfil do terrorista é um dos principais desafios que se colocam a quem o combate, porque variam consoante a localização dos radicais. Não se sabe quem os recruta nem como o fazem e muito menos quais os padrões, excepto pela ligação ao fundamentalismo. Sabe-se sim que o recrutamento tanto ocorre nos países árabes como europeus, para onde se dirigiu a diáspora muçulmana. Não é possível saber, também, quantas organizações terroristas existem mas, como salientou Gareth Evans, “não se pode assumir que todos os grupos são dirigidos pela al-Qaeda” – aquela que é, actualmente, a organização mais conhecida pelo grande público e que mais preocupações tem levantado aos governos.

A ideia geral é a de que estes pequenos grupos funcionam de forma autónoma em termos operacionais, embora para aspectos técnicos dependam de uma organização-mãe, que poderá ser identificada como a al-Qaeda. Não está, no entanto, definido se a organização cimeira se extingue na tão falada al-Qaeda ou se existirão outras organizações, tanto mais que Bruno S. Frey e Simon Luechinger, especialistas da Universidade de Zurique, culpam também os media pela expansão do terrorismo: “Os governos



Vários marroquinos estiveram envolvidos nos atentados do 11 de Março em Madrid

deviam dizer que muitas organizações podem ser responsáveis e os tribunais deveriam, um ou dois anos mais tarde, apurar quem de facto foi o autor do atentado”. Ao não tomarem esta atitude, a mensagem passada pelos media acaba por vincular mais uma vez a al-Qaeda, disseram: “Foi por isso que Bin Laden se tornou no homem mais conhecido do mundo” – e destacaram que se “não houvesse media, o terrorismo praticamente não existia”.
O jornalista marroquino

Aboubakr Jamai, a propósito do atentado de Casablanca, a 16 de Maio de 2003, afirmou que os 12 bombistas “eram todos excluídos da sociedade marroquina, embora quase todos tivessem grau académico”. A entrada no meio terrorista ocorreu, aliás, no próprio Marrocos, de onde nunca tinham saído e onde receberam a doutrina islamita. A intervenção do jornalista acabou também por abordar o atentado em Madrid, também com ligações a Marrocos e, como salientou o

jornalista, ao tráfico de droga, que financiou a compra de explosivos. Para outro conferencista, o francês Farhad Khosrokhavar, a origem do militante terrorista não é heterogénea: “Antes os terroristas eram intelectuais e pertenciam à classe média, mas agora é um grupo mais heterogéneo, menos classista, mas onde se encontram os excluídos da sociedade”. A ligação aos terroristas acontece porque a “organização dá-lhes uma noção de vida, um ambiente onde estão integrados”.

Europa é terreno de recrutamento

Richard Falkenrath, antigo membro da primeira Administração do presidente dos EUA, George W. Bush, fez duras críticas à União Europeia (UE), referindo várias vezes que Washington não sabia com quem falar sobre questões estratégicas dentro da UE por não saber quem a representa. E considerou que o “perigo (do terrorismo) é maior na UE porque a Europa é um terreno melhor para recrutar terroristas do que os EUA”. Embora tenha reconhecido o que chamou de “vários erros” na questão do Iraque, não deixou de enfatizar que “agora têm muito trabalho a fazer e têm de levá-lo até ao fim”.

Falkenrath contextualizou ainda o panorama americano

na altura em que Bush foi eleito presidente, referindo que aquele não tinha ainda encontrado uma linha-guia para a sua Administração quando ocorreram os ataques às Torres Gémeas de Nova Iorque: “Os ataques deram-lhe isso”, declarou. Foi, então, a partir daqui que a Casa Branca renovou toda a estratégia de defesa: reorganizou o funcionamento estatal, começou a guerra no Afeganistão, que, na altura, justificou do mesmo modo que, mais tarde, viria a fazer com a invasão do Iraque – a necessidade de democratizar um povo oprimido; mudou as regras de recolha de informação pelas agências de segurança, quadruplicou o orçamento da Defesa, entre outras medidas.

Londres paga por invasão do Iraque

“Acredito que se tivéssemos evitado a invasão do Iraque, os atentados de Londres não teriam acontecido”, declarou ontem, com todo o desassombro, o professor Paul Wilkinson, que centrou a sua exposição na al-Qaeda. Conforme o conferencista evidenciou, esta organização integra os movimentos que “não querem estabelecer qualquer espécie de diálogo para chegar a um acordo, porque pretendem reorganizar o panorama internacional e dominar o mundo com o seu regime”. Wilkinson acrescentou ainda que o objectivo desta organização é expulsar americanos e ingleses de todos os países muçulmanos onde exercem qualquer tipo de influência.

Não obstante a ameaça cla-

ra, a al-Qaeda foi subestimada por todos os serviços de informação ocidentais, à excepção dos franceses, em particular pela capacidade que a organização terrorista tem demonstrado de se refazer dos golpes desferidos, especialmente por americanos e ingleses. Daí que Wilkinson entenda que a melhor estratégia não passa só pela anulação dos seus líderes, tendo em conta a estrutura descentralizada, autonomia das células terroristas e capacidade de regeneração. E há realidades ainda muito mal conhecidas pelas autoridades, por exemplo, no que respeita aos atentados de Londres. Sabe-se “quem foram os bombistas, mas não quem os recrutou e se há mais dispostos a fazer a mesma coisa”.

OBITUÁRIO



Morreu pioneira dos direitos cívicos

► Rosa Parks, que se tornou pioneira dos direitos civis dos negros ao desencadear, em 1955, um movimento para acabar com a segregação racial nos EUA, morreu ontem com 92 anos na sua casa em Detroit, Michigan. Em 1995 afirmou: “Sempre quis ser livre e não o queria só por mim: a liberdade é para todos os seres humanos”. Em 1955, aquela mulher, negra, recusou ceder o seu lugar num autocarro quando um homem branco lhe pediu para que levantasse, o que constituía uma obrigação segundo as normas do sul dos EUA. A sua prisão desencadeou a reacção dos afro-americanos, que boicotaram os transportes públicos em Montgomery, Alabama, durante mais de um ano, e mobilizou mais de 50 mil negros na cidade, que começaram a reclamar os seus direitos civis e a igualdade. Um jovem pastor chamado Martin Luther King liderou o boicote aos transportes públicos e um movimento de não-violência que provocaria mudanças na legislação local, estadual e federal a favor dos negros nos EUA. O representante da Geórgia, John Lewis, disse à CNN que permanecer sentada, na realidade, funcionou como se Parks se tivesse colocado de pé por todos os americanos. Na época, publicou-se que a recusa de Parks em levantar-se deveria-se ao cansaço e incapacidade de se mover do assento após um dia exaustivo de trabalho como costureira numa loja de Montgomery. “Não é verdade. Não tinha apenas cansaço físico, ou melhor: não estava mais ou menos cansada do que normalmente ficava após um dia de trabalho. Não estava somente cansada, estava exausta de me dar por vencida”, frisou Parks numa entrevista recente.